

## A narrativa gráfica no Brasil

Marcel Vejmelka\*

Já é um lugar comum constatar que a “nona arte” da narrativa gráfica, da história em quadrinhos ou da banda desenhada vem ganhando cada vez mais em visibilidade e prestígio, vivendo sucesso comercial nas mais variadas áreas e camadas sociais, exercendo uma crescente influência e significância cultural — nos termos de subcultura e cultura popular e também de cultura erudita —, entrando em cânones literários, icônicos e cinematográficos, inclusive estabelecendo e revisando cânones próprios, diferenciando-se internamente em subgêneros e projetos transversais.

Também não é novidade que a narrativa gráfica brasileira, já desde há algum tempo, está vivendo um momento propício, com a consolidação de cenas e subcenas no campo nacional — com uma produção impressionante em quantidade e, sobretudo, em qualidade, tanto no campo independente quanto no mercado comercial — e o estabelecimento simultâneo de ligações decisivas com sistemas de produção e recepção em nível internacional — seja em forma de tradução de obras brasileiras para outras línguas, seja em forma de convites para autores e ilustradores participarem de projetos no exterior.

Não por último, dentro do mundo acadêmico brasileiro surgiu um número considerável de estudiosos e de estudos dedicados à narrativa gráfica nacional (e internacional), seus autores e ilustradores, suas obras, suas tradições e perspectivas; e também no palco da academia internacional, as HQ brasileiras já começaram a receber atenção e destaque. É nesse contexto que se situa o presente dossiê da *Revista Veredas* que reúne uma variedade impressionante de estudos sobre as formas e modalidades da narrativa gráfica contemporânea no Brasil para apresentá-los à comunidade global dos estudos de língua portuguesa, com a expectativa de assim contribuir para a consolidação dos estudos da narrativa gráfica brasileira no contexto internacional.

É interessante que todos os textos incluídos no dossiê não se contentem com descrever linhas gerais ou desenvolvimentos históricos ou atuais. Todos expressam a vontade e a necessidade de trabalhar concretamente com obras seleciona-

---

\* Doutor em Estudos Latino-americanos/Brasileiros pela Universidade Livre de Berlim, professor do Departamento de Espanhol e Português, Faculdade de Tradução, Linguística e Estudos Culturais da Universidade Johannes Gutenberg de Mainz, campus de Gernersheim. E-mail: vejmelka@uni-mainz.de.

das e representativas de seus interesses ou de suas hipóteses, oferecendo análises muito concretas e alguma forma de leitura “substancial” ou “material” — leituras semióticas, intermediáticas ou imagéticas, e até *close readings* na tradição literária, sempre baseadas na materialidade daquilo que suporta a narrativa: da imagem e do texto interagindo na sequência de quadros, painéis e páginas. São análises que valorizam a palavra, a linha, o desenho e a escrita, a trama e o movimento que nasce em nossas mentes ao “ler” uma narrativa gráfica.

Na sua totalidade os textos escolhidos para este dossiê apresentam um panorama, inevitavelmente incompleto e seletivo, mas amplo e representativo das dinâmicas das HQ brasileiras atuais na sua profundidade e especificidade históricas, enfocando aspectos da sua produção e circulação, da sua recepção nacional e internacional, e da sua transposição ou adaptação entre diferentes mídias, suportes e contextos culturais. É a partir da análise concreta dessas bases materiais das obras e dos discursos ligados a elas que fica visível a riqueza e força da produção de HQs no Brasil, que vem se consolidando no campo nacional e vai ganhando cada vez mais visibilidade, importância e respeito no palco internacional.

O primeiro bloco consiste em dois estudos de fundo histórico, que repassam a evolução dos HQ no Brasil, para então se dedicar à análise de obras atuais. Em “De Buster Brown a *Burroughs*: introdução a uma genealogia irônica dos quadrinhos brasileiros”, Alexander Linck Vargas questiona a ideia tradicional das origens das HQ no Brasil, construída em volta de *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte* (de 1869), com um enfoque sobre o personagem *Chiquinho/Buster Brown*, de Richard F. Outcault (publicado a partir de 1902 na revista *O Tico-Tico*). Ele exemplifica a sua hipótese “contraidentitária” das HQs brasileiras, da sua “subjetividade antropofágica” (Oswald de Andrade) ou “grandeza intensiva protosubjetiva e pré-individual” (Deleuze, Guattari) com uma análise de *Burroughs*, de João Pinheiro (2015), mistura de biografia e de adaptação do romance *Naked Lunch* de William S. Burroughs.

Em “Inferências adultas no universo infantil das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica: A leitura em *Piteco — Ingá*”, José Arlei Cardoso explora algumas inferências entre as esferas das HQ classificadas como “infantis” e aquelas tidas como “adultas”. A um resumo da história das HQ no Brasil segue uma análise geral da obra de Maurício de Souza desde 1959, à luz da produção acadêmica dedicada às fronteiras (in)existentes entre as leituras de HQ — enquanto hipergênero complexo — realizadas por crianças e por adultos, para exemplificar as possibilidades de tornar esta tensão produtiva no “romance gráfico” *Piteco — Ingá, adaptação* intragenérica do conhecido personagem Piteco.

A segunda parte do dossiê reúne estudos de obras individuais e contemporâneas — com uma exceção todas produzidas e publicadas no século XXI — que revisam e integram respectivos contextos socioculturais, discursivos ou imagéticos das narrativas gráficas analisadas. Em “Entre vários campos: a obra de Fábio Moon e Gabriel Bá e a literatura brasileira”, empreendo um balanço da obra dos gêmeos

autores e ilustradores à luz das tensões existentes entre os diferentes campos culturais envolvidos na produção e circulação de HQs, neste caso particularmente entre o Brasil e os EUA, retrazendo a evolução e estruturação de sua obra, desde o ano de 2000 até o presente, entre o contexto nacional e o internacional, entre publicações independentes e do chamado *mainstream*, entre temáticas e estilos tidos ou identificados como “brasileiros” e “universais”.

No artigo “Do Inferno a *Angola Janga*: história e mitologia do Quilombo de Palmares no romance gráfico de Marcelo d’Saleté”, Julio Souto Salom se dedica a uma leitura ampla desta obra, num misto de documentação histórica e poesia imagética relacionadas com o quilombismo tanto do passado quanto do presente. Para isto, ele contextualiza a publicação de 2017 com obras anteriores de d’Saleté (*Cumbe*, de 2014, e *Encruzilhada*, de 2016), e estabelece um fascinante diálogo comparativo com as técnicas narrativas em *Do Inferno*, adaptação já clássica de Alan Moore e Eddie Campbell, de 2000, do mito em torno de *Jack, the Ripper*.

Em “*Magra de ruim*: gênero, sexualidade e a ficcionalização de si”, Mariana Souza Paim estuda as representações de gênero e sexualidade — agrupadas em torno de conceitos como corpo, desejo, prazer, solidão, família, autonomia feminina e relacionamentos afetivos/sexuais —, o reposicionamento discursivo do feminismo e, não por último, a “in-scrita” da dimensão biográfica nesta coletânea de Sirlanney Nogueira, de 2014, que reúne grande parte da sua produção anteriormente publicada online e em diferentes zines. No texto “Intermedialidade e (re)construção histórica no romance gráfico *Independência ou mortos* (2012)”, Stanis David Lacowicz analisa como Abu Fobiya e Harald Stricker reconstróem, na utilização da grande flexibilidade intermediária da ficção gráfica, a personagem histórica D. Pedro I entre a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808 e a proclamação da independência em 1822, misturando esta dimensão histórica com o elemento fantástico de uma aventura com zumbis antropofágicos.

Este segundo “bloco” fecha com José Aguiar Oliveira da Silva, que em “A eterna noite negra de *O estranho mundo de Zé do Caixão*” explora outro viés da rica intermedialidade da narrativa gráfica. Voltando no tempo até os anos 1960 do século XX, apresenta e analisa a série de revistas em quadrinhos que foi publicada no contexto da obra de José Mojica Marins e de seu personagem Zé do Caixão — ícone da cultura brasileira contemporânea situado entre a criação artística e a cultura de massa —, com a contribuição substancial do roteirista Rubens Francisco Lucchetti.

O dossiê se completa com dois estudos que se debruçam sobre gêneros e obras que demarcam e até ultrapassam as margens e os limites do conceito HQ, questionando padrões tradicionais, subvertendo formas narrativas estabelecidas e possibilitando leituras inovadoras. Em “O layout como fator constitutivo dos quadrinhos: o caso Alexandre S. Lourenço”, Daniel Baz dos Santos estuda a construção de algumas histórias na coletânea *Robô esmaga*, de 2012, que faz uso consciente, entre outros elementos, do layout, dos balões de texto e da sarjeta para levar a própria narrativa gráfica até e, às vezes inclusive, para além de suas fronteiras for-

mais e genéricas. Eveline Coelho Cardoso e Glayci Kelli Reis da Silva Xavier fecham este bloco e o dossiê com “Tempo e narrativa no gênero charge: condensar para potencializar”, onde analisa seis charges ligadas ao rompimento da barragem de Brumadinho (MG) em janeiro de 2019. Para tal, as autoras situam o gênero discursivo da charge entre duas intenções principais, a de informar e a de captar o leitor para narrar uma versão pessoal e crítica da realidade, expressa em uma verbo-visualidade “carregada” de opinião, humor e ironia.

Gostaria de agradecer à equipe editorial da *Revista Veredas* pela honrosa oportunidade de organizar o presente dossiê, assim como a todos os contribuintes pelos seus textos interessantes e inspiradores, e me resta esperar que as suas leituras sejam enriquecedoras e produtivas para o público.